

CAPÍTULO III

CRÍTICA À RELAÇÃO ENTRE DEUS E O SER HUMANO POSTULADA POR JOSÉ SARAMAGO

Introdução

No primeiro e segundo capítulos deste nosso trabalho tratamos de apresentar duas visões opostas à respeito da relação entre Deus e o ser humano. No primeiro capítulo apresentamos a visão de rivalidade entre Deus e Jesus que José Saramago desenvolve em o ESJC. Aí pudemos perceber que o ser humano tem a liberdade e a vida negadas por Deus. No segundo capítulo objetivamos apresentar a visão teológica de Andrés Torres Queiruga, que busca desfazer o mal-entendido surgido na modernidade que afirma Deus como obstáculo à realização humana. Neste terceiro capítulo pretendemos examinar o sentido da relação entre Deus e o ser humano apresentada por Saramago em o ESJC à luz da intuição de Deus como afirmação do humano trabalhada por Queiruga. Não queremos enveredar por uma apologética cega da fé cristã. Buscaremos perceber o fundamento da visão de José Saramago e também acolher suas respectivas interpelações à fé cristã, e, a partir disso, apresentar, na medida do possível, algumas críticas fundamentadas na reflexão teológica de Queiruga. Para realizar nosso objetivo, iremos dividir este capítulo em três itens. No primeiro item, pretendemos apresentar de forma breve o ateísmo do nosso escritor português e a sua preocupação com tema “Deus”. No segundo item, veremos como Saramago constrói a imagem de um Deus desumano, que obstaculiza a realização da vida humana, e confrontaremos essa imagem de Deus com o Deus do Jesus da fé cristã que Queiruga nos apresenta. No terceiro item, trabalharemos o processo de desumanização ou de despersonalização que o ser humano, representado pelo personagem Jesus, sofre por causa de Deus em o ESJC, e apresentaremos, contrapondo essa visão, a humanidade plena do Jesus da fé cristã devido sua relação com Deus.

3.1. A “teologia atéia” de José Saramago

O ateísmo é um fenômeno relativamente recente que surge com o início da modernidade⁴⁸². Isso porque é somente a partir do Iluminismo que começa a haver pessoas que apóiam suas vidas sobre a negação de Deus. E além disso, dado interessante também é que o ateísmo e o secularismo ateu⁴⁸³ são fenômenos que só existiram e existem no âmbito judeu-cristão, pois foi somente “em épocas e em regiões influenciadas pelo cristianismo que se encontrou o ateísmo ou um secularismo e materialismo evacuando todo o sentido religioso”⁴⁸⁴. Isso nos revela que o ateísmo é um fenômeno moderno provocado por um cristianismo ou mal-transmitido ou mal-recebido ou mal-compreendido ou mal-vivido. A distorção das verdades cristãs é o que provoca a rejeição a Deus. O ateísmo de muitos filósofos e pensadores modernos e contemporâneos, inclusive o de José Saramago, deve ser compreendido a partir desse dado.

José Saramago é muito crítico com relação à religião, sobretudo ao cristianismo, e a Deus. Ele nega o valor da religião e nega a existência de Deus. Tal postura tem fundamento numa visão deturpada tanto do cristianismo como de Deus. No entanto, não podemos responsabilizar a José Saramago por essa deturpação. O que podemos fazer é responsabilizá-lo pela divulgação que ele faz dessa visão distorcida em alguns de seus escritos. A culpa pelas visões deturpadas de Deus e do cristianismo é, na maioria das vezes, do próprio cristianismo, enquanto configuração social (Igrejas) e enquanto explicitação da fé (teologia). Em José Saramago encontramos muitas idéias erradas à respeito de Deus que foram e ainda são transmitidas no próprio cristianismo através da liturgia de algumas igrejas e através de algumas teologias. O que faz José Saramago é absorver o que há de mais negativo no discurso cristão sobre Deus e o que há de mais negativo na história do cristianismo

⁴⁸² Cf. TORRES QUEIRUGA, A. **Creio em Deus Pai**, p. 11; LECOMPTE, D. **Do ateísmo ao retorno da religião: sempre Deus?** São Paulo: Loyola, 2000, pp. 77-79.

⁴⁸³ “Secularismo ateu” é a visão exagerada da secularização. “Trata-se de se considerar apenas o ‘século’, isto é, a dimensão horizontal das coisas, sem a dimensão vertical e profunda dos valores e do sentimento religioso”. LECOMPTE, D. *Ibid.*, p. 78, nota 1.

⁴⁸⁴ *Id. Ibid.*, p. 78.

para estruturar os fundamentos do seu pensamento ateu. Ele assume uma “dialética do pior com o pior” ao invés de uma “dialética do melhor com o melhor”. O ESJC é prova disso. Nesse romance, Saramago juntando algumas idéias teológicas equivocadas (onipotência arbitrária de Deus; o sofrimento como consequência do pecado original; a redenção como satisfação compensatória; o ser humano deve viver à serviço de Deus) e se pautando nos pontos mais nebulosos e desumanos da história do cristianismo (Cruzadas e Inquisição) cria sua estória sobre Jesus para ridicularizar Deus e o cristianismo, sobretudo a Igreja Católica. Além disso, a postura da Igreja na sociedade, tal como Saramago interpreta, contribui ainda mais para o seu ateísmo. Em Portugal, segundo esse autor português, a Igreja não se opôs à ditadura salazarista, mas, ao contrário, ajudou legitimá-la e se colocou ainda ao lado dos grandes latifundiários contra os pequenos camponeses, promovendo e legitimando a injustiça contra eles⁴⁸⁵.

O ateísmo de Saramago é, portanto, reforçado pela teologia, pela história do cristianismo e pela postura da Igreja na sociedade portuguesa. Tudo o que há de pior, de mais negativo no cristianismo o nosso autor português recolhe e unifica num conjunto harmonioso que se transforma em crítica contra o cristianismo e contra o seu maior símbolo, Deus.

Fundamentado numa visão distorcida do cristianismo, o ateísmo de José Saramago se revela teológico e religioso. Esse autor afirma claramente não acreditar na existência de Deus e nem no valor das religiões. Para ele, Deus é apenas uma invenção da imaginação humana; uma idéia simplesmente, mas uma idéia perigosa que adquire poder e passa a condicionar a vida das pessoas empurrando-as a um determinado fim que é o de servi-la. Em outros termos, Deus seria uma idéia que atrapalha o desenvolvimento da vida humana⁴⁸⁶. E a religião, para ele, não tem valor

⁴⁸⁵ Em seu discurso perante a Real Academia Sueca por ocasião do recebimento do prêmio Nobel de Literatura, em 7 de dezembro de 1998, Saramago faz uma retrospectiva de toda sua vida. Num trecho sobre a sua experiência junto aos camponeses ele diz: “Gente popular que conheci, enganada por uma Igreja tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terratenentes latifundistas, gente permanentemente vigiada pela polícia, gente, quantas e quantas vezes, vítima inocente das arbitrariedades de uma justiça falsa”. O texto revela que Saramago percebeu a Igreja como uma das promotoras da injustiça contra os camponeses.

⁴⁸⁶ Saramago afirma a esse respeito: “Deus é uma criação humana e, como muitas criações humanas, a certa altura toma o freio nos dentes e passa a condicionar os seres que criaram essa idéia”. MOURA DE BASTO, J. **Deus é grande e José Saramago o seu evangelista**, p.13. Confira também a entrevista

porque não conseguiu assumir a função de “ligar” as pessoas, isto é, promover a concórdia e a fraternidade. Segundo ele, foram as religiões as principais causadoras das mais terríveis atrocidades da história da humanidade. Em nome de Deus, por meios das religiões, guerras foram travadas, povos foram dizimados, muitas pessoas inocentes foram violentadas e muita injustiça e sofrimentos foram legitimados⁴⁸⁷. Além disso, para ele, assim também como para Marx, a religião é “ópio do povo”, porque distrai a atenção das pessoas dos problemas concretos de sua vida para fazê-las se preocuparem com realidades metafísicas desligadas de nossa existência histórica⁴⁸⁸.

Entre as religiões, o cristianismo é o alvo preferido de Saramago por ser a religião que está no fundamento da configuração da cultura ocidental. Criticando o cristianismo, Saramago critica, ao mesmo tempo, toda cultura ocidental assentada nos valores cristãos. Sua postura é de anti-cristianismo, porque, para ele, o cristianismo é a religião que legitimou e que legitima ainda tudo aquilo que se opõe à vida: o sofrimento, a angústia, a renúncia, o pecado (proibição), o sangue, a dor. E é, para ele também, o cristianismo “uma religião na qual a alegria está ausente, ou então há um certo tipo de alegria que não passa pelo humano, pelo corpo”⁴⁸⁹. Sua crítica ao cristianismo reside ainda num fator histórico: a intolerância religiosa assumida ao longo da história, que provocou a morte de muitas pessoas nas Cruzadas, na Inquisição e em outros conflitos religiosos⁴⁹⁰.

feita por Torcato Sepúlveda a José Saramago: “Deus quis este livro”, in. **Público**, 2 de novembro de 1991; Cf. SARAMAGO, J. El factor Dios. Jornal **El País**, Madri, 18 de setembro de 2001.

⁴⁸⁷ Confirma o que o próprio Saramago diz a esse respeito: “De algo sempre haveremos de morrer, mas já se perdeu a conta aos seres humanos mortos das piores maneiras que seres humanos foram capazes de inventar. Uma delas, a mais criminosa, a mais absurda, a que ofende a simples razão, é aquela que, desde o princípio dos tempos e das civilizações, tem mandado matar em nome de Deus. As religiões, todas elas, sem exceção, nunca serviram para aproximar e congregar os homens, que, pelo contrário, foram e continuam a ser causa de sofrimentos inenarráveis, de morticínios, de monstruosas violências físicas e espirituais que constituem um dos mais tenebrosos capítulos da miséria humana”. SARAMAGO, J. **El factor Dios**.

⁴⁸⁸ Entrevista feita por Eduardo Mazo a José Saramago em revista **Veintitrés**, 10 de fevereiro de 2002.

⁴⁸⁹ Entrevista in **Público**, 02 de novembro de 1991. Nessa entrevista, José Saramago afirma que “não seríamos muito diferente daquilo que somos se continuássemos com a velha religião dos romanos, se andassem ainda por aí Minerva, Júpiter, Vênus”. Isso mostra que para ele, o cristianismo pouco contribuiu para uma história qualitativamente melhor à nível de humanidade.

⁴⁹⁰ Em O ESJC, Saramago faz menção a esses eventos: Cf. pp. 388-391. Além dessa menção, Saramago escreveu um romance sobre uma batalha entre católicos e protestantes, em Munsters no século XVI. Escreve ele no prólogo desse livro: “Não é culpa minha nem do meu discreto ateísmo se em Munster, no século XVI, como em tantos outros tempos e lugares, católicos e protestantes andaram

O ateísmo de José Saramago não o impede de abordar em seus escritos a temática religiosa e teológica⁴⁹¹. Em o ESJC isso é bem comprovado. Nosso autor assume em o ESJC um discurso contra Deus e contra o cristianismo a partir de uma abordagem fictícia da relação entre Deus e Jesus. Ele realiza, retomando muitas idéias e conceitos teológicos equivocados, uma espécie de “teologia” para ridicularizar o cristianismo e para transmitir uma imagem negativa de Deus, além de procurar também questionar a sua existência⁴⁹². Podemos afirmar, portanto, que em o ESJC, Saramago realiza uma “teologia atéia”⁴⁹³.

Em seu romance sobre Jesus, José Saramago busca com convicção afirmar a idéia de que Deus envenena a vida do ser humano, e, ao mesmo tempo, busca mostrar que Deus não existe. O ESJC se apresenta como um “tratado sistemático” contra Deus. Isso porque em nenhum momento da narração Deus é apresentado de maneira positiva. No evangelho de Saramago, Deus não realiza nada de bom. Ele é apresentado como um ser repugnante que tende ser rejeitado.

Aquilo que José Saramago nos apresenta à respeito de Deus no seu romance, nos revela que ele carece de um contato com uma reflexão teológica mais coerente que lhe apresente a verdade sobre o Deus da revelação bíblico-cristã. A sua visão do Deus cristão se fundamenta em bases equivocadas e distorcidas e em teologias que não traduzem a verdade sobre Deus. Os questionamentos teológicos levantados por Saramago, como ateu, a respeito de Deus não encontram respostas nessas teologias pouco fiéis ao dado da revelação. Tais teologias só tendem a fomentar o ateísmo. Torres Queiruga aponta para essa problemática. Segundo ele, os conceitos teológicos tem que passar por uma reformulação tendo como base a perspectiva do amor⁴⁹⁴ e a

a trucidar-se uns aos outros em nome do mesmo Deus – In Nomine Dei – para virem a alcançar, na eternidade, o mesmo Paraíso.” SARAMAGO, J. **In Nomine Dei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁴⁹¹ Sobre a presença do tema “Deus” na obra de Saramago confira a seguinte obra: FERRAZ, S. **O quinto evangelista: o (des)evangelho segundo José Saramago**, pp. 27-57.

⁴⁹² Confira o item 1.3.2. desta nossa dissertação sobre os comentários do autor a respeito de Deus.

⁴⁹³ O termo “teologia atéia” é incoerente, pois bem sabemos que para “fazer” teologia é imprescindível postular a existência de Deus. Sem fé não há teologia. No entanto, com este termo queremos dizer que José Saramago, mesmo não possuindo uma fé explícita, trabalha o tema “Deus”. Ele resgata algumas idéias teológicas, talvez muito presente no ambiente religioso português, para fundamentar e apresentar sua crítica a Deus e à religião.

⁴⁹⁴ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. **Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus**, pp. 148-151.

intuição de Deus como antimal⁴⁹⁵, porque, do caso contrário, podem conduzir muitas pessoas à negação de Deus ou a concepção de que Deus é o maior obstáculo para o crescimento autêntico do ser humano. E é isso o que acontece com Saramago. Ele se fundamenta em bases teológicas incoerentes com a verdade da revelação divina.

Que Deus seja obstáculo para a realização humana é algo que Jesus contradiz com sua vida e sua imagem de Deus. O Deus revelado por Jesus não desumaniza, mas, pelo contrário, humaniza. No entanto, José Saramago não compreende como humanizante a relação entre Deus e ser humano. Isso porque sua “teologia atéia” desconsidera a apresentação feita de Deus por Jesus como amor e ternura infinitos e como antimal. Sua “teologia atéia” não vai ao fundo do mistério divino revelado em Jesus. Saramago fica na superficialidade, bebendo da compreensão do divino apresentada por teologias que interpretam de modo deformado a revelação cristã.

José Saramago é um caso típico de homem moderno e secularizado que questiona a fé cristã em Deus a partir da própria reflexão sobre esta fé. Deus é colocado em suspeita pela própria teologia. Isso afirmamos, porque Saramago cria um Deus perverso e sádico a partir da própria teologia cristã, pela qual ele foi influenciado. Por isso, o ESJC se apresenta como uma interpelação para que toda teologia seja repensada no contexto da modernidade, resguardando sua fidelidade máxima à revelação de Deus realizada por Jesus. Em outros termos, a teologia deve afirmar sempre que Deus é Pai de bondade e ternura infinita, tal como Jesus assim nos revelou, pois, caso contrário, a reflexão teológica pode servir como arma contra a própria fé cristã. Uma reflexão teológica que negar, de alguma maneira, que Deus seja amor infinito, coloca em risco a própria fé cristã, porque acaba gestando muitos questionamentos que contradigam a verdade sobre Deus.

Como José Saramago se fundamenta também no modo de agir da Igreja e dos cristãos na sociedade para criticar o cristianismo e distorcer a imagem de Deus, o ESJC se apresenta ainda como uma interpelação para que nós cristãos possamos dar testemunho prático de nossa fé cristã. Isso equivale a assumir a “lógica da fraternidade”⁴⁹⁶ e o combate contra tudo aquilo que se opõe à realização da vida de

⁴⁹⁵ Cf. Id. *Ibid.*, pp. 249-255.

⁴⁹⁶ Cf. Id. **Um Deus para hoje**, pp. 51-58.

todas as pessoas⁴⁹⁷. A Igreja, nessa perspectiva, é interpelada a realizar a “profecia externa”. Isso significa que a Igreja deve assumir o papel de ser sinal de Cristo no mundo, o que se traduz na luta, ao lado dos pobres, contra a pobreza e as injustiças, e na promoção da democracia tanto interna como externamente⁴⁹⁸.

3.2. O Deus desumano de Saramago diante do Deus de Jesus

Em o ESJC, José Saramago constrói a imagem de um Deus que em nada se identifica com o Deus revelado pelo Jesus bíblico. Entretanto Saramago interpreta o Deus da fé cristã como fosse semelhante ao seu Deus ficcional⁴⁹⁹. Para ele, o Deus que ele caracteriza é idêntico ao Deus verdadeiro. A idéia fundamental de José Saramago é a de que Deus prejudica a vida. Isso porque Deus suprime a liberdade humana, uma vez que a pessoa se submete ao seu “serviço” esquecendo-se de construir-se a si mesma, e porque ele é indiferente ao sofrimento humano, uma vez que podendo nada faz para amenizar o sofrimento e o mal na humanidade.

3.2.1. A construção de um “fantasma” que se opõe à vida humana

O Deus de Saramago é um “fantasma”⁵⁰⁰ criado pela união desorganizada de algumas idéias e conceitos filosófico-teológicos que representam o que há de mais prejudicial à imagem de Deus revelada pelo Jesus bíblico e à sua interpretação na cultura moderna (pós-moderna), a saber: o determinismo divino, o intervencionismo e a onipotência divinos, e uma má compreensão da paternidade divina.

⁴⁹⁷ Cf. Id. **Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus**, pp. 255-258.

⁴⁹⁸ Cf. Id. **O cristianismo no mundo de hoje**, pp. 36-49.

⁴⁹⁹ O fato de José Saramago ser ateu não significa que ele não possua uma concepção de Deus. Pelo contrário, Saramago apresenta em o ESJC a sua compreensão do Deus cristão. O Deus ficcional de nosso escritor português é a externalização de tudo aquilo que ele compreende ser o Deus da fé cristã.

⁵⁰⁰ Utilizo a palavra “fantasma” para designar que a imagem de Deus construída por José Saramago não corresponde à verdade sobre o Deus revelado por Jesus. Esse Deus de Saramago é um “fantasma” porque é um produto de sua imaginação construído a partir de idéias teológicas que devem ser revistas e atualizadas.

3.2.1.1. O determinismo divino

José Saramago afirma o determinismo divino quando apresenta a visão que alguns de seus personagens têm de Deus. Os personagens José, Jesus, antes do encontro com Deus, Zelomi e o Escriba do templo consideram Deus como o “senhor de tudo”, porque tudo é ordenado por Ele, até a vida e o destino de cada pessoa humana⁵⁰¹. Tudo é determinado por Deus e nada pode ser mudado daquilo que foi organizado por Deus se não for de sua vontade. Tudo é concebido como controlado, planejado e querido por Deus. A história, dessa maneira, não pode ser considerada como história humana, mas como história determinada por Deus. O protagonista da vida é Deus e não o ser humano. É Deus que estabelece a maneira como cada pessoa vai viver e qual será o seu destino.

Nosso escritor português com a idéia de determinismo divino apresenta a visão pré-moderna da relação estabelecida entre Deus e o mundo. Tudo na natureza é considerado sagrado, inclusive também o ritmo e o destino da vida de cada pessoa e os acontecimentos da história, pois Deus tudo organiza e programa de modo muito minucioso. Diante do mundo, concebido dessa forma, cabe ao ser humano apenas duas atitudes, a saber, a de louvação e a de resignação. Essas são as atitudes do personagem José. Ele louva a Deus constantemente pelas coisas que Deus fez e se resigna até à morte com a sua vida atormentada pela culpa. As mesmas atitudes se encontram no personagem Jesus: sua vida é determinada por Deus e não resta outro caminho senão o de deixar-se guiar pelo seu destino. É bem verdade que o personagem Jesus contesta e procura escapar ao destino determinado por Deus, mas no final se realiza o que Deus havia preparado para ele desde o início. A vida do Jesus ficcional não passa de um caminho feito por Deus. Esse Jesus é como que uma marionete nas mãos de Deus. Essa visão está bem sintetizada em duas falas do romance. A primeira é a fala de Maria de Magdala que afirma que “Deus é quem traça os caminhos e manda os que por eles hão-de seguir...portanto melhor seria que aceitasses (Jesus) com resignação o destino que Deus já ordenou e escreveu para

⁵⁰¹ Cf. o item 1.3.1. desta nossa dissertação.

ti”⁵⁰². E a outra fala, ou melhor um pensamento, é do personagem Jesus que descobre “a ofuscante evidência de ser o homem um simples brinquedo nas mãos de Deus, eternamente sujeito a só fazer o que a Deus aprouver, quer quando julga obedecer-lhe em tudo, quer quando em tudo supõe contrariá-lo”⁵⁰³.

Essa visão determinista que afirma ser Deus o protagonista maior da história humana não tem mais sentido no contexto moderno no qual a pessoa humana se descobre como sujeito de sua vida e de sua história, e no qual se já se tomou consciência de que o mundo físico, social e moral não são controlados por leis divinas, mas por leis próprias que fundamentam a sua autonomia⁵⁰⁴. A visão do determinismo divino, portanto, se opõe ao dado da autonomia do mundo e, sobretudo, se opõe à liberdade do ser humano para construir a sua vida e a sua história.

3.2.1.2. Um deus intervencionista

Torres Queiruga nos alerta que a relação entre Deus e o mundo deve ser repensada para se sintonizar com a mudança epocal realizada pela modernidade, pois o paradigma moderno valoriza a autonomia das realidades criadas como seu valor fundamental. Pensar Deus como uma divindade externa intervindo no mundo seria uma afronta a autonomia das realidades criadas. Deus tem que ser pensado em relação íntima e interna com o mundo, como o fundamento e o dinamismo interno da criação⁵⁰⁵.

José Saramago, fundamentado numa visão que não está em sintonia com o contexto moderno nem com a verdade da revelação, concebe o Deus cristão como uma divindade externa ao mundo. Ele tem presente em sua mente o deísmo intervencionista, pois o seu Deus é aquele que habita o céu e quando quer interfere na história cá na terra. Essa idéia possui comprovação no próprio personagem Deus. Esse personagem tem que vir do céu, porque é o lugar onde Deus mora

⁵⁰² Cf. SARAMAGO, J. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, pp. 404-405.

⁵⁰³ Id. *Ibid.*, pp. 219-220.

⁵⁰⁴ Cf. TORRES QUEIGURA, A. *Creio em Deus Pai*, pp. 32-35; Id. *Fim do cristianismo pré-moderno*, pp. 20-25.

⁵⁰⁵ Cf. os itens 2.1.1. e 2.1.3. desta nossa dissertação.

eternamente⁵⁰⁶, para obrigar Jesus assumir a sua missão⁵⁰⁷. E além disso, Deus intervém de forma mais ousada no momento da morte do personagem Jesus, quando aparece no céu dizendo que Jesus é o seu filho amado. Essas duas intervenções de fora para dentro do mundo nos mostram que a revelação do Deus de Saramago é heterônoma, isto é, o personagem Deus se apresenta ou se revela de fora para o interior da história sem estabelecer uma comunhão com a realidade criada.

Além disso, o Deus intervencionista de Saramago só age na história em seu próprio benefício. A estória toda sobre a vida de Jesus revela essa idéia. O personagem Deus somente aparece no mundo para realizar o seu projeto de ampliação de poder através da instrumentalização de Jesus. Isso revela que o Deus de Saramago não age em favor do ser humano, nem sequer quando este o invoca. Ele só intervém na história para que o ser humano se torne seu “servidor” mediante uma adoração mais intensa e ampliada.

Com a criação dessa sua imagem de Deus, Saramago busca tecer uma crítica ao Deus cristão. Fundamentado no deísmo intervencionista, nosso escritor português busca afirmar criticamente que o interesse do Deus bíblico não é com as coisas da terra, mas consigo próprio, isto é, com a realidade divina que, segundo ele, está em competição com os anseios humanos. Nas entrelinhas do ESJC, José Saramago induz o leitor a conceber o Deus cristão como um Deus distante da humanidade, mas que se aproxima somente para legitimar o cumprimento dos seus interesses pelos seres humanos. E nesse sentido a crucificação de Jesus é um dos maiores interesses de Deus⁵⁰⁸.

A imagem de um Deus intervencionista, tão presente ainda na consciência e na liturgia cristãs, coloca em questão a ação de Deus em favor da pessoa humana.

⁵⁰⁶ No texto aparece a confirmação disso com o próprio personagem Deus: “...mas terão a esperança duma felicidade lá no céu onde eternamente vivo...” SARAMAGO, J. *Ibid.* p. 379.

⁵⁰⁷ Cf. *Id.* *Ibid.*, p. 366.

⁵⁰⁸ José Saramago tem presente em sua mente a teologia da satisfação compensatória. Nesta teologia, a morte de Jesus parece interessar mais a Deus que a humanidade, porque é uma forma de reparar a honra de Deus pelo pecado original cometido pelo ser humano. Partindo dessa teologia, Saramago concebe o Deus cristão como aquele que se preocupa consigo. Pois, o que interessou para Deus não foi a vida de Jesus ou a redenção do gênero humano, mas a sua honra reparada. No ESJC, a crucificação de Jesus é também algo que diz respeito aos interesses de Deus e nada mais. A morte sacrificial de Jesus servirá para Deus ampliar sua influência. E para a humanidade, essa mesma morte inaugurará “uma história interminável de ferro e de sangue, de fogo e de cinzas, um mar infinito de sofrimento e de lágrimas” (cf. *Id.* *Ibid.*, p. 381).

Deus não age arbitrariamente de fora para dentro do mundo para realizar seus interesses e colocar a pessoa humana ao seu serviço. O certo é afirmar que Deus, que nos “cria por amor”, não está no céu, mas “está sempre aqui entre nós: no homem e na mulher, na terra e na história. Ele está como iniciativa absoluta, sempre em ato: como aquele que sustenta e promove, salva e perdoa, convoca e suplica”⁵⁰⁹. Isso quer dizer que Deus não age somente quando é solicitado por nós, mas age constantemente em nós nos interpelando constantemente, sem imposição alguma, à realização humana autêntica.

3.2.1.3. A onipotência divina

Na imagem que José Saramago apresenta de Deus está presente a concepção imaginária e acrítica da onipotência divina. Concepção esta que tem contaminado a reflexão teológica ao longo da história do pensamento cristão. De acordo com essa concepção, Deus é concebido como aquele que poderia fazer tudo o que quisesse no mundo, pois para ele nada seria impossível.

A concepção da onipotência divina está presente em o ESJC na fala de alguns personagens. O personagem Ananias afirma que “ao Senhor nada é impossível”⁵¹⁰. A idéia é retomada pela personagem Maria de Nazaré que afirma à respeito do infanticídio de Belém que “se eles (as crianças) morreram foi porque o Senhor quis, que estava em seu poder evitá-lo se conviesse”⁵¹¹. O próprio personagem Deus revela a Jesus que ele é onipotente: “Eu sou o Senhor, e ao Senhor nada é impossível”⁵¹². O personagem Simão Pedro, a respeito dos milagres realizados por Deus em Jesus, diz “Sem dúvidas os fez Deus, pois nele moram toda força e todo o poder”⁵¹³.

Saramago faz uso da idéia de onipotência abstrata e arbitrária (poder fazer o que quiser), não por ele acreditar que exista um Deus todo-poderoso, mas para questionar a bondade do Deus revelada pelo Jesus histórico, e, ao mesmo tempo, para

⁵⁰⁹ TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno*, p. 16.

⁵¹⁰ SARAMAGO, J. *Ibid.*, p. 47.

⁵¹¹ *Id. Ibid.*, p. 191.

⁵¹² *Id. Ibid.*, p. 264.

⁵¹³ *Id. Ibid.*, p. 337.

afirmar a indiferença desse Deus frente à dor e o sofrimento humano, e, também para afirmar, nas entrelinhas, a inexistência de Deus.

A bondade do Deus da revelação bíblica fica comprometida a partir da idéia de onipotência divina. Isso por causa da existência do sofrimento e do mal no mundo. Se o mal e o sofrimento existem no mundo é porque fazem parte da vontade de Deus, pois sendo onipotente poderia eliminá-los, se não os elimina é porque os quer. O grande questionamento de Saramago é o seguinte: se Deus existe e é onipotente, por que ele não evita as mortes, as guerras, as injustiças, os sofrimentos todos. O escritor português aponta uma questão intrincada que tem levado muitos ao ateísmo.

Por não encontrar resposta ao problema do mal no mundo, José Saramago apresenta a figura de Deus da maneira mais equivocada, a saber, como aquele que deseja o sofrimento ou como aquele que é indiferente ao sofrimento da humanidade. Isso está comprovado no personagem Jesus que é conduzido por Deus para ser vítima sacrificial, e está comprovado também na indiferença como o personagem Deus vai relatando a ladainha dos mártires e os momentos sombrios da história do cristianismo⁵¹⁴. O que, no fundo, Saramago procura afirmar é a oposição de interesses entre Deus e o ser humano. Pois sendo onipotente, Deus faria de tudo para que a humanidade pudesse viver sem o mal. Se Deus não realiza isso é porque seu interesse não é a vida do ser humano. Saramago põe em xeque a bondade de Deus, tal como é afirmada pela fé cristã. Para Saramago, Deus é indiferente e sádico. O personagem Diabo pronuncia umas das frases fundamentais que revela aquilo que Saramago pensa a respeito do Deus bíblico: “É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue”⁵¹⁵.

José Saramago utiliza o dado da onipotência divina para afirmar nas entrelinhas a inexistência de Deus. Lendo o ESJC, o leitor é condicionado pela lógica, que tem como pressuposto a onipotência divina, a assumir duas conclusões: (1) Deus existe, mas não é bom, porque é o responsável pelo mal no mundo ou por causa de sua indiferença diante do sofrimento humano; e (2) Deus não existe, porque existe o

⁵¹⁴ Cf. Id. Ibid., pp. 381-391.

⁵¹⁵ Cf. Id. Ibid., p. 391.

sofrimento e o mal no mundo, pois se existisse um Deus onipotente e bondoso, o mal e o sofrimento não existiriam⁵¹⁶.

Saramago se deixa conduzir pela lógica do dilema de Epicuro que impossibilita a conciliação entre o poder e a bondade de Deus: “ou Deus *pode e não quer* evitar o mal, e então não é bom; ou *quer e não pode*, e então não é onipotente; ou *nem pode nem quer*, e então não é Deus”⁵¹⁷. E como nosso autor português não abandona a idéia de onipotência divina, a alternativa escolhida é a de negar a bondade de Deus ou a de negar a sua existência. É por isso que o Deus construído em o ESJC é mais onipotente que amoroso. Esse Deus é apresentado como sádico porque provoca e permite que o mal exista no mundo. É devido a essa imagem de Deus que o personagem Jesus, como ser humano, sonha com o dia em que Deus vai vir a nós para reconhecer todos os seus erros contra a humanidade⁵¹⁸.

Torres Queiruga nos lembra que a única saída para o dilema de Epicuro consiste em refletir sobre o mal como uma realidade em si, isto é, como uma realidade secular desvinculada da premissa Deus. E isso sem assumir como pressupostos a concepção de onipotência abstrata e arbitrária e a ilusão de que um mundo perfeito seria possível⁵¹⁹. Como Saramago desconhece a ponerologia e tem em sua mente a concepção de onipotência divina (poder fazer o impossível), a sua lógica o leva a concluir que Deus ou não existe ou se existir é sádico ou é indiferente ao nosso sofrimento.

É somente destruindo a lógica do dilema de Epicuro que Deus pode ser compreendido como o não-responsável pela existência do mal no mundo e como aquele que está ao nosso lado contra o mal, tal como o Jesus histórico nos revelou.

⁵¹⁶ A esse respeito Saramago afirma: “Deus (se existisse), sendo onipotente tudo teria de fazer para o bem dos homens nesta única vida que temos na terra”. MOURA DE BASTO, J. Ibid., p.13.

⁵¹⁷ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. **Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus**, p. 187; Confira também a apresentação que fizemos sobre esta temática no item 2.2.1. desta nossa dissertação.

⁵¹⁸ O texto é o seguinte: “Quando chegará, Senhor, o dia em que virás a nós para reconheceres os teus erros perante os homens.” SARAMAGO, J. Ibid., p. 144.

⁵¹⁹ Confira novamente a apresentação que fizemos do pensamento de Torres Queiruga a esse respeito no item 2.2.1. deste nosso trabalho.

3.2.1.4. A paternidade divina mal-compreendida

O Deus de José Saramago é construído também por uma má compreensão da paternidade divina. Isso porque Deus é apresentado em o ESJC como “Pai dominador”; como aquele que tudo domina, governa e determina. O personagem Deus é a prova mais contundente disso. Esse personagem se apresenta como o Pai de Jesus. Mas um Pai que se opõe à liberdade do filho.

José Saramago utiliza a intuição, fundamental da fé cristã, de Deus como Pai em seu ESJC. No entanto, a paternidade divina não é compreendida por ele, tal como é concebida pela fé cristã. O Jesus bíblico nos revela que Deus é Pai de infinito amor e bondade. Saramago apresenta Deus como Pai que não tem amor algum. Deus é aquele que se utiliza do filho para realizar seus interesses. O Deus do romance é um pai narcisista e egocêntrico.

Nosso autor português assume a visão negativa da paternidade divina presente na modernidade. Saramago se enreda na “eclipse da paternidade no mundo moderno”⁵²⁰, tal como afirma Torres Queiruga. Para este teólogo, a paternidade é eclipsada na modernidade porque “não é o amor afirmativo na relação paternal o que o modernismo associa a Deus, mas a sensação de uma radical e irredutível rivalidade”⁵²¹. Quando Saramago apresenta o seu Deus como Pai de Jesus, ele o apresenta dentro dessa visão negativa da paternidade divina, na qual o Pai está oposição ao filho, isto é, em oposição à pessoa humana.

Não deixa de influenciar a José Saramago também a concepção de pai configurada pela sociedade patriarcal⁵²², na qual o pai é considerado a autoridade maior da família, e a concepção transmitida pela Igreja ao longo dos séculos, mediante uma “pastoral do medo”, de que Deus é o Pai que reprime e castiga⁵²³.

⁵²⁰ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. **Creio em Deus Pai**, pp. 76-79.

⁵²¹ Id. *Ibid.*, p. 76.

⁵²² É possível que a imagem de Deus como Pai tenha sido contaminada por uma cultura patriarcal que legítima, de forma quase inconsciente, a submissão de umas pessoas a outras. Pela influência desse contexto, a paternidade de Deus pode ser compreendida de maneira paternalista e autoritária. Cf. PAREDES, J.A. **Onde está Deus?: diálogo do crente com a cultura de hoje**. São Paulo, 1999, p. 176; TORNOS, A. **Psicoanálisis y Dios**. Bilbao: Mensajero, 1969.

⁵²³ A esse respeito Queiruga afirma: “Nós, como Igreja, temos uma grande responsabilidade, porque como disse o historiador francês, crente, Jean Delumeau, a Igreja tem feito uma ‘pastoral do medo’.

A imagem do Pai opressor e do Pai que castiga está muito presente no Deus de Saramago. Numa das falas de um dos personagens estas duas imagens aparecem com toda clareza: “o querer do homem... não tem importância perante Deus... o homem é livre para poder ser castigado (por Deus)”⁵²⁴. Nessa fala, Deus é apresentado por Saramago como aquele que reprime e castiga o ser humano por este não se colocar a serviço da realização da vontade divina. O “querer do homem” não é relevante para esse Deus pintado por Saramago. O relevante mesmo é o querer de Deus. O ser humano deve agir em função de Deus. Qualquer ato contrário ao serviço de Deus é reprimido e castigado, por isso o ser humano só é livre, somente pode agir em seu benefício, para ser castigado por Deus.

Saramago, pautado nas várias visões contaminadas da paternidade divina, não leva em conta o fundamento da intuição de Deus como Pai, que é a experiência feita pelo Jesus bíblico. Longe de ser Pai dominador, repressor, rival do ser humano, Deus, tal como é revelado pelo Jesus da fé cristã, é o Pai amoroso (Abbá) de perdão incondicional que promove a liberdade e a vida do Filho e dos filhos. Se Saramago tivesse se fundamentado na experiência do Jesus histórico, sem as interpretações distorcidas à respeito de Deus que ele teve acesso, a sua intenção principal, quando escreveu o ESJC, de apresentar o Deus da fé cristã como obstáculo à vida humana, seria outra.

3.2.2. O Deus de Jesus

A contribuição da reflexão teológica de Torres Queiruga é indispensável para que possamos afirmar que o Deus de José Saramago nada tem a ver com o Deus revelado por Jesus. Isso porque Queiruga procura superar o mal-entendido moderno,

Ela apoiou-se, e nós ainda nos temos apoiado no medo de Deus, no temor do castigo, na pregação do inferno, no controle da consciência e na angústia do pecado. Todos criamos uma enorme atitude de medo a Deus e portanto introduzimos dentro de nós a imagem de um Deus tremendo que pode castigar.” Id. **De uma religião de escravos a uma religião de filhos**, p. 28.

⁵²⁴ SARAMAGO, J. *Ibid.*, p. 209.

do qual Saramago assume, que tende a considerar o Deus revelado por Jesus como obstáculo para a realização da vida humana⁵²⁵.

Queiruga procura, dialogando com a cultura moderna, mostrar que o Deus revelado por Jesus não é obstáculo para o ser humano, mas aquele que o interpela ao crescimento na humanidade. Por isso, Deus não é rival do ser humano, mas o seu maior aliado e o “grande companheiro”.

Para fundamentar essa sua intuição, Torres Queiruga parte da experiência de Deus que Jesus fez⁵²⁶ e procura apresentar o Deus revelado por Jesus numa linguagem que comunique, sem deturpação, a verdade dessa experiência à modernidade. Sua tarefa teológica consiste em “inculturar” na modernidade o Deus de Jesus.

O eixo de compreensão para o Deus de Jesus, segundo Queiruga, é o amor salvífico: “Deus é puro amor e salvação”⁵²⁷. Isso significa que de Deus, o ser humano só pode esperar ser amado e ser salvo, ou seja, de Deus, a pessoa humana deve esperar somente afirmação de sua humanidade e auxílio na tarefa de construir a sua vida da maneira mais autêntica e madura possível.

Para afirmar esse dado da revelação de Deus em Jesus no contexto da modernidade, Torres Queiruga procura repensar a relação de Deus com o mundo e também a questão do mal. Ele nos convida a abandonarmos a imagem de um Deus providencialista que interviria no mundo, vindo de fora, desrespeitando a autonomia das realidades criadas⁵²⁸ para afirmarmos a presença constantemente ativa de Deus na criação. E nos convida também a percebermos que Deus é Antimal, pois luta ao nosso lado contra o mal e o sofrimento⁵²⁹.

Deus, segundo esse teólogo da Galícia, não é intervencionista, isto é, Deus não está no céu e intervém no mundo. Deus está presente na criação, e inclusive no ser humano, como fundamento e dinamismo do ser. Sua ação está sustentando e

⁵²⁵ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. **El amor de Dios y la dignidad humana** (manuscrito sem data).

⁵²⁶ Cf. a exposição que fizemos a respeito da experiência que Jesus fez de Deus segundo a ótica de Torres Queiruga no item 2.1.2. deste nosso trabalho.

⁵²⁷ Cf. Id. **El amor de Dios y la dignidad humana**; Id. **Recuperar a salvação**, pp. 20-22.

⁵²⁸ Cf. todo item 2.1. desta nossa dissertação.

⁵²⁹ Cf. o item 2.2.3. deste nosso trabalho.

promovendo tudo⁵³⁰. Mas esta presença não determina a trajetória do mundo e a vida das pessoas como se Deus controlasse tudo o que acontece na criação. Deus não pode agir sobre a natureza e a vida humana mudando arbitrariamente o seu curso. Isso porque a relação entre Deus e a criatura é como que “perpendicular”. Deus não realiza na criação coisa alguma que substitua a ação da criatura. A ação de Deus nas criaturas é fazer com que elas façam, pois Deus fundamenta e sustenta o ser das criaturas⁵³¹.

Sendo o fundamento e o dinamismo do existir, Deus não anula a pessoa humana ou suprime sua liberdade, tal como pensa Saramago. A presença de Deus no ser humano consiste precisamente em fazê-lo *ser* mais. A vida do ser humano é criada e afirmada por Deus. E assim também a sua liberdade. Deus é quem tornar possível a liberdade e quem a sustenta⁵³². Mas isso não significa que Deus determina o destino de cada pessoa e condiciona a sua existência. Ao contrário, Deus possibilita ao ser humano se auto-construir. Deus cria o ser humano com liberdade e o interpela constantemente com sua presença ativa para que este possa se realizar humanamente. Isso mostra que a pessoa humana não está fadada a uma fatalidade insuperável determinada por um deus dominador. A ação de Deus no ser humano não anula a liberdade ou obstaculiza a realização de sua vida. Muito pelo contrário, quanto mais uma pessoa se deixar guiar pela ação de Deus, que está presente mas não é imposta, mais humana essa pessoa se torna. Jesus é a prova maior disso. Quanto mais Jesus se abriu a Deus mais se humanizou e mais livre se tornou.

Além de estar presente no mundo e no ser humano fazendo de tudo para que a criação se realize, Deus é também contrário ao sofrimento e ao mal. Ele é Antimal.

Torres Queiruga afirma que o mal é uma possibilidade intrínseca da finitude e da limitação da criatura⁵³³. O mal não é responsabilidade de Deus. O ser humano sofre por causa de sua finitude e não porque Deus quer. A existência do mal não tem nada a ver com a vontade de Deus. Mesmo o argumento da onipotência divina não responsabiliza Deus pelo mal no mundo. Deus é onipotente, mas ele não pode realizar

⁵³⁰ Id. **Fim do cristianismo pré-moderno**, pp. 25-36.

⁵³¹ Cf. Id. **Recuperar a criação**, pp. 125-131,

⁵³² Cf. Id. *Ibid.*, pp. 131-136.

⁵³³ Confira o tratamento que fizemos a esse respeito no item 2.2.2. deste nosso trabalho.

o impossível⁵³⁴. Fazer um círculo quadrado por exemplo. Uma realidade anularia a outra. Extirpar o mal do mundo é também algo impossível. Sendo uma realidade intrínseca ao mundo e ao ser humano, o mal somente pode ser eliminado se o mundo e o ser humano fossem perfeitos ou infinitos. E isso é impossível. A criatura não é como Deus. E nem Deus pode criar seres perfeitos, pois se assim fizesse não criaria nada diferente do que Ele é.

O fato de Deus não poder eliminar o mal do mundo não significa que Ele seja indiferente ao nosso sofrimento. Pelo contrário, Deus é solidário conosco. Ele está ao nosso lado contra o mal. Sua presença em nós nos interpela a lutar pela vida contra todo mal que a ameaça. Isso significa que Deus não luta conosco contra o mal de forma mágica. Ele luta contra o mal através de nossos atos. Jesus é prova disso. Através da ação de Jesus, Deus pôde lutar contra os males que infligiam os sofredores. Jesus é a comprovação maior de que Deus é contrário ao mal e ao sofrimento⁵³⁵.

No entanto, o mal não é uma realidade absoluta que tem a última palavra sobre a nossa vida ou que nunca poderá ser vencido. O mal já foi vencido por Deus na ressurreição de Jesus. Mediante a ressurreição de Jesus, Deus nos garante que o mal pode ser superado de maneira definitiva. Jesus de Nazaré, mediante a ressurreição, é glorificado pelo Pai, e, assim, supera o mal, porque sua finitude é infinitizada na infinitude de Deus. A ressurreição de Jesus é esperança certa da vitória de toda a criação sobre o mal; é a certeza de que Deus é amor salvífico.

De tudo isso que apresentamos, fundamentado na reflexão teológica de Torres Queiruga, podemos afirmar contra o Deus de Saramago, que o Deus de Jesus nada tem de desumanizante. Isso porque: (1) não desrespeita a autonomia do mundo criado com intervenções arbitrárias, mas se faz presente nele como fundamento de seu

⁵³⁴ A onipotência divina não deve ser compreendida como abstrata e arbitrária, isto é, como se Deus pudesse realizar tudo o que quisesse no mundo. A onipotência diz respeito a força do amor de Deus. Deus pode realizar tudo quanto é possível mediante o seu amor, mas não de forma arbitrária. Como Deus só pode agir concretamente no mundo através da liberdade humana, o amor onipotente de Deus somente pode realizar algo através da ação humana. “Deus, pelo que lhe diz respeito, ‘pode’ tudo e quer o melhor para nós; mas nem tudo ‘é possível’ em si mesmo. O amor de Deus consiste em ‘estar sempre trabalhando’ (cf. Jo 5,17), contra toda inércia e resistência, por nós e por nossa salvação”. Id. **Recuperar a criação**, p. 117.

⁵³⁵ Confira o desenvolvimento dessa idéia nos seguintes itens desta nossa dissertação: 2.2.3.2.2.; 2.2.3.2.3. e 2.2.3.2.4.

existir; (2) porque não suprime a liberdade humana, mas a cria e a potencializa para que o ser humano possa se edificar enquanto pessoa humana realizada; (3) porque não é o responsável pelo mal e o sofrimento, mas é solidário conosco e nos capacita a lutar contra o mal; (4) porque ao contrário de nos entregar à morte, Ele nos salva realizando a infinitização de nossa finitude, nos possibilitando vencer definitivamente a força e o poder do mal.

3.3.

O ser humano desumanizado pelo Deus de Saramago

Além de apresentar um Deus terrível que obstaculiza o crescimento do ser humano enquanto pessoa, José Saramago em o ESJC apresenta uma visão de Jesus que mina na base a fé cristã e juntamente com ela toda a reflexão cristã sobre o ser humano, além também de descaracterizar a pessoa humana nos seus valores constitutivos. Isso Saramago realiza com a intenção de mostrar que a relação do homem Jesus com Deus é de despersonalização, pois na relação com Deus, o ser humano (Jesus) perde todas as suas características humanas, pois para esse Deus o que importa não é a realização da pessoa humana, mas a sua própria afirmação como Deus.

Saramago procura mostrar que existe entre Deus e o ser humano uma incompatibilidade de interesses. Enquanto o interesse do humano é um, o de Deus é outro. Para evidenciar essa disparidade de interesses, Saramago, ao longo de todo o ESJC, cria um Jesus que vive manipulado por Deus até a sua morte na cruz. Jesus é assumido como o protótipo do ser humano despersonalizado por Deus.

3.3.1.

Jesus ficcional, o protótipo do humano despersonalizado

Enquanto a fé e a reflexão teológica cristãs afirmam que Jesus é o protótipo do humano pleno⁵³⁶, José Saramago, apresenta seu Jesus ficcional como uma pessoa

⁵³⁶ Torres Queiruga afirma, nesse sentido, que a humanidade de Jesus constitui a mais autêntica existência do homem diante de Deus e do homem ao lado do homem. Ele enfatiza que Jesus, com seu estilo de vida coloca diante de nossos olhos o modelo preciso do que é uma existência humana

humana qualquer com suas potencialidades, limites e pecados⁵³⁷. Isso nosso autor português realiza não para afirmar simplesmente uma heresia. Sua intenção é muito mais profunda. Ele procura contestar o sentido positivo dado pela fé cristã a relação de toda pessoa com Deus. Enquanto a fé cristã afirma que a relação com Deus é de humanização para o ser humano, Saramago tenciona revelar o contrário.

O Jesus de Saramago sendo caracterizado como humano é o símbolo de toda pessoa humana que faz a experiência de Deus e entra num processo de desumanização. E, além disso, o seu personagem Jesus é uma contestação ao próprio cristianismo. É contestação porque, segundo a interpretação de nosso escritor, o cristianismo é uma religião que nega a vida e a liberdade humanas. Isso porque o cristianismo tem como base uma pessoa (Jesus) manipulada por Deus que sem liberdade alguma é destinada a morrer na cruz para pagar os pecados de toda humanidade. O cristianismo é uma religião, segundo Saramago, assentada sobre a falta de liberdade e sobre uma morte (a morte do Crucificado), que legitima o sofrimento e todo tipo de renúncia do que há de melhor na vida⁵³⁸.

Para que o personagem Jesus se tornasse o símbolo de todo ser humano, Saramago elimina dois eventos fundamentais para a fé cristã: a encarnação do Filho e a ressurreição de Jesus crucificado. Seu Jesus é um humano que nasce como todas as outras pessoas e morre como todos.

Eliminando a encarnação do Filho, Saramago nega qualquer possibilidade de relação plena de Deus com a humanidade, visto que a encarnação do Filho é compreendida como expressão mais rica e densa da solidariedade de Deus com o ser humano. E eliminando a ressurreição de Jesus crucificado, ele nega toda a possibilidade do ser humano ser acolhido no interior de Deus depois da transitoriedade desta vida. Nos dois casos, Saramago nega a comunhão de Deus com o ser humano e vice-versa. E, além disso, ele assenta as bases de uma antropologia

autêntica. E isso por causa das seguintes atitudes: “Espírito filial, que une sem tensões a adoração e a confiança sem limites. Alegria de viver, que não escapa das durezas da vida, e valentia, que não se crispa jamais no ódio. Fraternidade como estilo, e amor como norma suprema. Comunhão com todos, sem cair em qualquer armadilha, porque desde sempre e sem vacilação se situa embaixo: com os pobres e os marginalizados, com os doentes e desgraçados, com os humilhados e ofendidos.” Id. **Repensar a cristologia**, p. 20.

⁵³⁷ Cf. o nosso item 1.2.1.

⁵³⁸ Essa idéia é apresentada explicitamente nas últimas páginas do episódio do encontro que Jesus tem com Deus e o Diabo na barca. Cf. SARAMAGO, J. *Ibid.*, pp. 379-391.

pessimista que apresenta o ser humano como um ser destinado à morte, pois sua vida consiste somente numa “eternidade limitada”, porque desde o momento em que se começa a viver, se começa também a morrer⁵³⁹. O próprio Jesus do romance se desanimou de curar os doentes porque tomou consciência de que suas ações curativas “não eram elas mais do que adiamentos das decadências inevitáveis”⁵⁴⁰.

Não sendo o Filho encarnado e nem fazendo a experiência da ressurreição, o Jesus de Saramago se apresenta como uma pessoa humana comum que é dominada por um poder que determina a sua existência lhe impedindo de construir a sua vida a seu modo ou de acordo com a sua vontade e interesse. E esse poder é personalizado em Deus.

O Jesus ficcional de Saramago é objeto de um processo de despersonalização realizada por Deus. As dimensões básicas do “ser pessoa” lhe são negadas. Esse Jesus não dispõe de si mesmo. Não possui liberdade para decidir sobre sua vida por si mesmo⁵⁴¹. Não possui também a “perseidade”, isto é, não desenvolve a sua própria finalidade enquanto pessoa. Sua vida é orientada por Outro (Deus). Ele não tem autonomia para ser o “senhor de sua vida”. A capacidade de fazer escolhas a partir de si mesmo para construir a sua vida não existe nesse personagem. Isso tudo porque existe na vida desse Jesus uma força (Deus) que se apodera da sua existência anulando tudo aquilo que lhe é constitutivo como pessoa⁵⁴².

Além disso, o elemento mais fundamental da “pessoa” que é a abertura a Deus não acontece com o Jesus de Saramago. O personagem Jesus não faz nenhuma

⁵³⁹ Uma frase que aparece na boca de Deus direcionada para Jesus exprime esse sentido: “Começastes a morrer desde que nasceste”. Cf. Id. *Ibid.*, p. 378. Além desta frase, a idéia se apresenta mais explícita num pensamento de José: “Depois teve (José) um pensamento ainda mais triste, o de os filhos sempre morrerem por causa dos pais que os geraram e das mães que os puseram no mundo, e então teve pena do seu próprio filho, condenado à morte sem culpa.” Id. *Ibid.*, pp. 92-93.

⁵⁴⁰ Id. *Ibid.* p. 431.

⁵⁴¹ Segundo Torres Queiruga a liberdade é uma das maiores riquezas do ser humano, pois é mediante a sua liberdade que o ser humano se auto-constrói enquanto pessoa. Liberdade, para ele, é a capacidade de construir-se a si mesmo escolhendo entre diferentes direções e possibilidades. “O homem e a mulher consistem em última instância em resolver a própria equação de maneira única, irrepitível, e personalíssima. Ninguém, sequer seu Criador, pode-se pôr em seu lugar: suplantar a liberdade seria anulá-la”. TORRES QUEIRUGA, A. **Recuperar a criação**, pp. 132-133. Na página 141, dessa obra, Queiruga afirma que “a intenção mais profunda e radical da liberdade é a construção de nosso *ser pessoa*, de nosso *eu* autêntico e verdadeiro”.

⁵⁴² Sobre as características fundamentais implicadas no conceito “pessoa” confira os seguintes estudos: GARCIA RUBIO, A. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2001, pp. 303-317; Id. “O novo paradigma civilizatório e o conceito cristão de pessoa” in **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, 222, (1996), pp. 275-307.

autêntica experiência dialógica com Deus. Isso porque além de Deus dominar sua vida suprimindo sua liberdade, Deus ainda empurra a existência desse Jesus para um fim trágico. Se para a fé cristã Deus estabelece uma relação dialógica com o ser humano e este é chamado a assumir e a viver consciente e livremente essa relação, para Saramago as coisas são diferentes. Nosso escritor postula a idéia de que a relação com Deus não é dialógica, mas somente de opressão. O Jesus da ficção é um mero instrumento nas mãos de Deus para a realização de um objetivo seu. Quanto mais esse Jesus se aproxima do Deus ficcional mais ele se desumaniza. Prova disso é a dominação que Jesus experimenta depois do segundo encontro com Deus⁵⁴³. Com essa compreensão, Saramago quer transmitir a idéia de que Deus é empecilho na vida da pessoa humana porque obstaculiza a realização da vida e limita a sua liberdade.

Em o ESJC, Jesus ao longo de toda estória se revela manipulado por Deus. Saramago concebe Jesus como um personagem da tragédia grega cuja vida é controlada por um poder impessoal que não é a sua vontade. Assim como os gregos compreendiam que os deuses interferiam na vida humana e determinavam o destino humano, Saramago possui a mesma visão. A vida do seu Jesus é uma “tragédia grega”, pois Deus determina antes de seu nascimento o seu destino. Destino este impossível de se libertar.

Nosso autor português possui uma visão distorcida da relação estabelecida entre Deus e Jesus. Ele não consegue perceber a humanidade autêntica do Jesus da fé cristã. Quanto mais este Jesus faz uma experiência de Deus mais afirmado em sua humanidade ele se torna e mais livre é⁵⁴⁴. A relação do Jesus histórico com Deus é uma relação de comunhão e de afirmação. É uma relação cujo princípio se baseia na “não-concorrência”. Longe de despersonalizar, Deus humaniza, pois “quanto mais presente Deus se faz no homem, mais afirmado ele sente o seu ser; e quanto mais o homem ou a mulher se entregam a Deus, com mais profundidade e plenitude se

⁵⁴³ Até o segundo encontro com Deus, Jesus era conduzido por Deus pelos acontecimentos de sua história. A partir do episódio do segundo encontro de Jesus com Deus, Jesus faz a experiência consciente da dominação de Deus. Suas ações e seus discursos são controlados por Deus.

⁵⁴⁴ Torres Queiruga a esse respeito escreve: “quanto mais íntima e profundamente o ser de Jesus está enraizado em Deus, mais pura, profunda e decisivamente humano ele é. Por isso não é, nem em sua vida real jamais pareceu ser, um autômato ou uma simples máscara da divindade, mas sim cresce em uma biografia e uma história, acolhendo a presença do Pai com uma liberdade que lhe é própria e intransferível”. TORRES QUEIRUGA, A. **Repensar a cristologia**, pp. 357-358.

recebem a si mesmos, e mais humanos são”⁵⁴⁵. Isso encontra sua verdade no Jesus histórico. A relação com Deus constitui o núcleo mais íntimo e original da pessoa e da missão de Jesus. Sua ternura e confiança irrestrita em Deus são a garantia de sua humanidade autêntica, pois neste Jesus não há nenhuma alienação. Nada “há de infantil neste homem, capaz de romper qualquer tabu e passar por cima de todo legalismo; totalmente identificado com a realidade de sua missão e alheio a todo narcisismo; com uma personalidade radicalmente ‘não autoritária’, mas decididamente livre, a ponto de instigar contra si poderes político, militar e religioso”⁵⁴⁶. Ao contrário do que pensa José Saramago, a relação do Jesus histórico com Deus é de potencialização da humanidade. A confiança de Jesus em Deus não é o freio para sua ação, mas o motor. E a sua ternura com relação a Deus não é debilidade, mas capacitação enérgica para a entrega total⁵⁴⁷.

O Jesus bíblico devido sua relação autêntica com Deus é o humano pleno. Sua relação de dependência a Deus não deve, portanto, ser interpretada como alienante, mas como libertadora. Jesus é mais livre quanto mais se abre ao Deus-*Abbá*, pois esta abertura a Deus é o fundamento de uma abertura sempre maior aos outros. A liberdade do Jesus histórico nada tem a ver com auto-afirmação egocêntrica, mas com serviço, pois ser livre é dispor de si para fazer-se disponível. Devido sua relação com Deus, Jesus se revela como “o sacramento da liberdade”⁵⁴⁸.

José Saramago apresenta o seu personagem Jesus como o símbolo do ser humano desumanizado por Deus, porque ele não conseguiu perceber a riqueza da humanidade do Jesus real. Sua visão sobre a relação entre Deus e ser humano é distorcida. E essa distorção tem origem em alguns dados teológicos mal interpretados, que hoje se apresentam inadequados e prejudiciais à visão de Deus e à compreensão autêntica da relação entre Deus e a pessoa humana.

No romance podemos detectar de maneira acentuada, pelo menos, duas visões teológicas pressupostas por Saramago na construção do seu personagem Jesus: (1) a

⁵⁴⁵ Torres Queiruga chama de “princípio da não-concorrência” a relação entre Deus-ser humano, pois Deus não está em oposição à pessoa humana, mas afirmando-a e fazendo de tudo para que esta se realize. Cf. Id. *Ibid.*, p. 333.

⁵⁴⁶ Id. **Creio em Deus Pai**, p. 110.

⁵⁴⁷ Cf. Id. *Ibid.*, pp. 110-111.

⁵⁴⁸ Cf. GEVAERT, J. **El problema del hombre**. Salamanca, 1976, p. 214.

de que o ser humano deve estar a serviço de Deus; e (2) a idéia de que a morte de Jesus era uma morte necessária para aplacar a ira de Deus (satisfação compensatória).

É evidente o resultado a que chega nosso escritor português, à respeito do Jesus histórico, partindo dessas duas visões, a saber: Jesus é um escravo da vontade de Deus e sua vida possui um destino certo, a saber, morrer como vítima sacrificial para “expiar” ou “reparar” a ofensa infinita feita a Deus pelo ser humano pecador.

3.3.2.

O ser humano a serviço de Deus?

José Saramago concentra atenção na falta de liberdade do personagem Jesus em poder construir a sua vida. Essa falta de liberdade existe no seu Jesus porque ele é um “escravo” de Deus; é um ser manipulável ou instrumentalizado por Deus para realizar os seus interesses divinos. Tal visão de Saramago sobre a relação entre Deus e Jesus parece ter origem numa tendência dualista da relação do ser humano com Deus muito presente no imaginário coletivo religioso.

Torres Queiruga nos lembra que existe no âmbito religioso um dualismo muito prejudicial à imagem de Deus e muito prejudicial ao modo de nos relacionarmos com Deus. Esse dualismo cria duas esferas de interesses: a de Deus e a do ser humano. A esfera do religioso e a vida em si, com todas as suas possibilidades e potencialidades, aparecem como realidades antagônicas. A Deus interessa a esfera do religioso e ao ser humano interessa todas as realidades da vida. O que interessa a Deus não interessa a pessoa humana e vice-versa. Deus, assim, aparece como aquele que impõe a realização de seus interesses contra os interesses humanos⁵⁴⁹. E a pessoa religiosa, nesse sentido dualista, seria aquela pessoa que anula os seus interesses e a sua própria vida para se voltar para o que interessa a Deus. O religioso seria sinônimo de servidão à vontade de Deus.

Contra esse dualismo, Torres Queiruga afirma que, por estar na criação como fundamento e dinamismo do existir, Deus não necessita ser servido pelo ser humano. Pelo contrário, é Deus quem se coloca a serviço de toda criação, inclusive da

⁵⁴⁹ Cf. Id. **Recuperar a criação**, pp. 34-39.

humanidade, como presença ativa fazendo ser tudo o que existe⁵⁵⁰. O interesse de Deus não se mostra diferente do interesse do ser humano, pois a glória de Deus – seu interesse – está na “vida do homem” (Sto. Irineu). Isso significa que Deus se interessa por tudo no homem e na mulher, enquanto realização positiva de seu ser.

Entretanto, não tendo a mesma visão de Queiruga, Saramago se deixa influenciar pela visão do dualismo religioso e acaba concluindo que Deus possui os seus próprios interesses, que são diferentes dos interesses humanos. Para Saramago, a pessoa religiosa seria aquela pessoa que se deixa condicionar pela idéia de Deus ou, em outros termos, seria a pessoa controlada por uma série de normas religiosas que a impedem de construir sua vida livremente. Partindo dessa perspectiva, Saramago fundamenta a sua idéia de rivalidade entre Deus e o ser humano (Jesus): Deus é o senhor que dita aquilo que quer e o ser humano é aquele que realiza a vontade de Deus.

É interessante perceber a distorção que Saramago realiza em seu Jesus por causa da influência dessa concepção dualista. Enquanto seu Deus é a expressão máxima da oposição aos interesses humanos, seu Jesus é aquela pessoa escolhida para servir forçosamente a Deus e aos seus interesses. Esse Jesus aparece como essencialmente “servo”, pois foi escolhido por Deus antes de seu nascimento para realizar uma missão divina. Aqui a essência “ser filho de Deus” determina a existência, isto é, o fato de ter sido escolhido por Deus acaba determinando toda a existência do Jesus ficcional. Tudo na vida desse Jesus é imposição e controle da parte de Deus. Até mesmo a missão que esse Jesus realiza é contra a sua vontade. Ele é uma marionete de um jogo paternalista de prodígios e milagres. Ao contrário do Jesus histórico que assume a missão de anunciar e realizar o reino de Deus por causa de sua confiança, ternura e fidelidade ao *Abbá*, o Jesus de Saramago assume a missão contra sua vontade, pois é uma missão determinada e imposta por Deus. Essa missão, no entanto, longe de promover a vida, esperança e a libertação do ser humano, tem como intenção a realização de um interesse divino, a saber, o aumento da influência de Deus sobre todos os povos.

⁵⁵⁰ Cf. Id. *Ibid.*, pp. 31-123.

O Jesus ficcional é um instrumento nas mãos de Deus. Ele é representado com uma não-pessoa ou como um escravo de Deus ou, melhor, como o “filho de Deus”⁵⁵¹. Entretanto, mesmo sendo apresentado como um humano sem liberdade, esse Jesus se sente responsável pelos seus atos ou pelos acontecimentos relacionados à sua vida. Um sentimento de culpa – e a culpa é consequência de uma liberdade responsável – atormenta esse Jesus ao longo de toda sua vida. A primeira culpa é com relação a morte das crianças em Belém e a segunda é com relação ao surgimento do cristianismo⁵⁵².

José Saramago, introduzindo o sentimento de culpa em Jesus, desarticula dois elementos da constituição da “pessoa”, a saber: a liberdade e a responsabilidade. Jesus é responsável, mas não é livre, ou seja, ele assume a responsabilidade daquilo que ele não realiza: a morte das crianças de Belém devido a omissão de José; e a legitimação da dor, do sofrimento, da renúncia e da morte com o surgimento do cristianismo devido à vontade de Deus. Com isso, o Jesus de nosso autor português é apresentado não como “liberdade responsável”, mas como aquele que é responsável pelos atos queridos e provocados por Deus. É um Jesus alienado. No ESJC é Deus quem age através de Jesus, mas quem assume a culpa é Jesus. O Jesus ficcional é um escravo da vontade de Deus e também o responsável pelas ações que não são suas. Tudo isso transmite uma idéia que Saramago quer passar: o responsável pelas atrocidades cometidas por Deus é de responsabilidade do próprio ser humano que se coloca a seu serviço.

Além de negar a liberdade de seu Jesus apresentando-o com escravo da vontade de Deus, Saramago mediante um de seus personagens, o Escriba do templo de Jerusalém, afirma que o ser humano em sua relação com Deus só é livre para poder ser castigado⁵⁵³. Isso quer dizer que o ser humano na sua relação com Deus é um escravo da vontade de Deus e é somente livre quando age por conta própria buscando realizar o seus interesses e não os interesses de Deus.

⁵⁵¹ Cf. o item 1.4.1.2. deste nosso trabalho.

⁵⁵² Cf. o item 1.2.1.2. desta nossa dissertação.

⁵⁵³ O texto é o seguinte: “O querer de Deus pode ser um não querer, o seu não querer a sua vontade, Só o querer do homem é verdadeiro querer, e não tem importância perante Deus, Assim é, Então, *o homem é livre, Sim, para poder ser castigado*”. SARAMAGO, J. Ibid., p. 209. O itálico da citação é nosso.

Essa idéia transmitida pelo nosso escritor encontra fundamento novamente no dualismo religioso que tende a considerar Deus e o ser humano em esferas diferentes e opostas, de modo que, estruturalmente, o que é bom para um não é para o outro. Com isso, Saramago procura mostrar que a liberdade do ser humano somente existe na não-relação com Deus, isto é, no “pecado”. Aqui “pecado” aparece como sendo algo bom para o ser humano, pois é a expressão de sua vontade e de seus interesses.

Rompendo o dualismo religioso, não tem sentido algum a visão de “pecado” do nosso autor português. Isso porque sendo Deus presença ativa na pessoa humana, seu interesse não é nem diferente nem oposto ao interesse humano. A vontade de Deus é a vida e a realização do homem e da mulher. “Pecado” não significa, nesta perspectiva, algo bom para a pessoa humana, significa algo que atrapalha a nossa vida e a nossa realização. E é somente, por isso, que também é algo contrário a vontade de Deus, pois Deus não quer outra coisa que não seja a nossa realização humana⁵⁵⁴.

Além disso, carece de sentido afirmar que Deus suplanta a nossa liberdade. Uma vez partindo da intuição da presença ativa de Deus na criação (transcendência na imanência/infinito no finito) a disparidade de interesses entre Deus e ser humano é rompida. Como o interesse de Deus é a vida dos homens e mulheres, a liberdade humana não é algo anulado por Deus. A presença de Deus no ser humano (seu influxo/a graça) “consiste precisamente em tornar possível e sustentar a liberdade, de modo tal influxo é tanto maior quanto mais livremente age o ser humano”⁵⁵⁵. Isso significa que quanto mais o ser humano se abrir à presença de Deus mais liberdade para agir ele terá⁵⁵⁶, e mais Deus poderá agir no mundo através dessa liberdade, pois “a liberdade humana é a porta para a novidade da intervenção divina no mundo”⁵⁵⁷.

Quando Saramago afirma que Deus anula a liberdade humana, ele está com razão, pois à outra conclusão lógica não se pode chegar partindo do dualismo religioso. Mas partindo da idéia de “criação por amor”, o dualismo é rompido, e a conclusão a que se chega é a de que Deus está afirmando a vida e também

⁵⁵⁴ TORRES QUEIRUGA, A. **Creer de otra manera**, pp. 21-22.

⁵⁵⁵ Id. **Recuperar a criação**, pp. 133-134.

⁵⁵⁶ Torres Queiruga nos lembra que “só a idéia de criação em sentido rigoroso, ou seja, a que faz de Deus a origem livre e amorosa do real, pode possibilitar a existência da liberdade e garantir seu exercício efetivo”. Id. *Ibid.*, p. 134.

⁵⁵⁷ Id. *Ibid.*, p. 135.

promovendo a liberdade, para que o ser humano possa se realizar autenticamente. Nesta perspectiva não há sentido algum defender a idéia de que a pessoa humana seja “escrava” dos interesses divinos. Deus não cria “escravos”. Ele cria “criadores”. A relação entre Deus e o ser humano não é de rivalidade, mas de “cumplicidade”, isto é, “Deus põe todo o seu interesse em cooperar para que o ser humano se realize”⁵⁵⁸.

3.3.3. Deus deseja a morte do ser humano?

Além de defender a idéia de que Deus suplanta a liberdade humana, José Saramago em o ESJC postula uma outra idéia equivocada à respeito de Deus, a saber: a de que Deus, ao invés de promover a vida, não se preocupa com a existência humana, porque se compraz com o sofrimento e a morte dos seres humanos⁵⁵⁹.

Essa idéia de um deus sádico se personifica no personagem Deus do romance. Em o ESJC, Deus é um ser que, insatisfeito com o seu poder reduzido ao âmbito do mundo judaico, anseia expandir os seus domínios universalmente para que possa ser o deus de todo o mundo. Mas para que tal projeto possa se realizar, Deus escolhe e prepara uma pessoa (Jesus) para morrer martirizada como seu “filho” para fazer surgir uma nova religião, o cristianismo.

A idéia fundamental que está presente no ESJC é a de que Deus conduz Jesus à morte. A estória toda tem como fio condutor isso. Jesus é preparado para morrer como vítima sacrificial para que o poder de Deus possa ser expandido universalmente. Dessa forma, a morte de Jesus aparece como algo programado e determinado por Deus⁵⁶⁰. E Deus, por sua vez, aparece como “o político que não olha a meios para atingir os seus fins”⁵⁶¹.

José Saramago se baseia na “teoria da satisfação compensatória” para desenvolver a sua estória sobre Jesus. Segundo essa teoria, o sacrifício do Jesus histórico na cruz foi algo necessário para satisfazer a honra de Deus devido à comissão do pecado pela humanidade. Uma vez se submetendo à morte na cruz, pela

⁵⁵⁸ Id. **Creio em Deus Pai**, p. 85.

⁵⁵⁹ A frase do personagem Diabo sintetiza essa visão a respeito de Deus: “É preciso ser-se Deus para gostar de tanto sangue”. SARAMAGO, J. *Ibid.*, p. 391.

⁵⁶⁰ Cf. o item 1.4.2. deste nosso trabalho.

⁵⁶¹ Citação de José Saramago encontrada em: MOURA DE BASTO, J. *Ibid.*, p. 12.

vontade de Deus, Jesus como homem-Deus expia o pecado do mundo e, ao mesmo tempo, restaura a honra ferida de Deus⁵⁶². Mediante essa teoria, o Jesus da fé cristã fica reduzido a uma função formal de vítima expiatória e toda sua densidade histórica é desvalorizada. E, além disso, tal teoria deforma o rosto do Deus de amor, fazendo dele um deus sádico preocupado somente com sua honra⁵⁶³.

Nosso escritor português novamente recolhe o que há de mais negativo na teologia cristã para fundamentar a sua concepção da relação entre Deus e o ser humano. Ele utiliza a teoria da satisfação compensatória, profundamente presente ainda em muitas teologias e espiritualidades, para apresentar a sua visão de que Deus está em oposição à vida e aos interesses humanos. Fundamentado nessa teoria, Saramago mostra que a relação entre Deus e Jesus não é uma relação de afirmação, mas de negação da vida. Deus é concebido, dentro dessa perspectiva, como o grande adversário da vida. Entretanto nosso escritor não acompanha toda a lógica da teoria da satisfação compensatória. Para ele, Deus quis o derramamento de sangue do personagem Jesus não para reparar a sua honra ou para expiar o pecado da humanidade, mas sim para ampliar os domínios divinos sobre o mundo. A morte do personagem Jesus é necessária para o surgimento do cristianismo⁵⁶⁴. E, além disso, essa morte nada possui de salvífica, visto que se apresenta como anti-salvação, pois tal sacrifício terá como conseqüência a legitimação de muitas mortes por Deus e em nome de Deus. Isso é expresso em o ESJC da seguinte maneira:

“Morrerão milhares, Centenas de milhares, Morrerão centenas de milhares de homens e mulheres, a terra encher-se-á de gritos de dor, de uivos e rancos de agonia, o fumo dos queimados cobrirá o sol, a gordura deles rechinará sobre

⁵⁶² Cf. um resumo desta teoria em: TORRES QUEIRUGA, A. **Recuperar a salvação**, pp. 167-170. Para um aprofundamento da questão cf.: SESBOUÉ, B. **Jesucristo el único mediador: ensayo sobre la redención y la salvación**. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1990.

⁵⁶³ Cf. o seguinte estudo crítico sobre essa teoria: VARONE, F. **Esse Deus que dizem amar o sofrimento**. São Paulo: Santuário, 2001.

⁵⁶⁴ Saramago concebe o cristianismo como a religião fundamentada sobre o sangue, a morte e o sofrimento. Isso porque tem origem na morte sem sentido de Jesus. Em o ESJC tudo o que está ligado ao cristianismo está envolvido pela morte e o sofrimento. Antes, durante e depois de Jesus tudo é morte. No início da vida de Jesus as crianças são assassinadas em Belém, Jesus é morto na cruz, e depois da morte de Jesus muitos são martirizados e outros buscam renunciar as coisas da vida. O cristianismo é apresentado por Saramago como sendo a religião que legitima a dor, a renúncia das coisas da vida, o sofrimento, o martírio, e, enfim, a morte em nome de Deus. Cf. SARAMAGO, J. *Ibid.*, pp. 379-391.

as brasas, o cheiro agoniará, e tudo isto (diz Jesus) será por minha culpa, Não por tua culpa (diz Deus), por tua causa”⁵⁶⁵.

A relação estabelecida entre Deus e Jesus em todo ESJC é de puro interesse da parte de Deus pela vida, subentendida como morte, de Jesus. Deus se aproxima de Jesus para prepará-lo para à morte de cruz. No final da estória o personagem Jesus toma consciência disso. Nos seus últimos momentos de vida na cruz, “Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios”⁵⁶⁶. E o pior é que a estória termina com a morte de Jesus. Não há nela ressurreição. Jesus não se torna o vitorioso sobre a morte. Pelo contrário, a morte querida por Deus para Jesus é o fim de tudo; é a completa aniquilação. Não há glorificação. Com isso Saramago quer incutir nos seus leitores a idéia de que de Deus não podemos esperar nada de bom, apenas o consumir a nossa vida. Uma frase do personagem Jesus no episódio do primeiro encontro com Deus revela isso: “Tu és o Senhor, sempre vais levando de nós as vidas que nos dás”⁵⁶⁷. Em outras palavras, Saramago apresenta a imagem de um Deus do qual o ser humano não pode esperar salvação alguma, mas somente o desgastamento da vida.

A visão da relação entre Deus e Jesus postulada por Saramago é totalmente equivocada. A experiência que o Jesus histórico faz de Deus é de afirmação da sua vida. A morte de cruz não foi um acontecimento planejado por Deus, mas foi a consequência do modo de viver do Jesus histórico.

Torres Queiruga nos ajuda a compreender melhor o sentido da morte de Jesus⁵⁶⁸. Para esse teólogo seria inconcebível acreditar num Deus “tão preocupado por sua honra, que somente pode ceder ao preço da morte violenta de seu próprio Filho”⁵⁶⁹. Deus não é um juiz vingativo e implacável que entrega Jesus à morte para restaurar sua honra. Deus é puro amor e salvação e, como tal, é somente afirmação da vida. Jesus não teve a morte planejada por Deus. Sua morte foi o “produto terrível do

⁵⁶⁵ Id. Ibid., p. 391.

⁵⁶⁶ Id. Ibid., p. 444.

⁵⁶⁷ Id. Ibid., p. 263.

⁵⁶⁸ Cf. o item 2.2.3.2.4. desta nossa dissertação.

⁵⁶⁹ TORRES QUEIRUGA, A. **Recuperar a salvação**, p. 169.

pecado do ser humano”⁵⁷⁰. Isso quer dizer que Deus não queria a cruz para Jesus e muito menos Jesus também a quis. Jesus “morreu porque o ser humano é mau e não tolera a defesa do pobre, nem o desvelamento da hipocrisia, nem a denúncia da injustiça, nem a ruptura das convenções e privilégios sociais e religiosos. Jesus morreu porque era bom e não compactuou nem se cansou, mas se colocou, em vez, do lado dos oprimidos, sem retroceder diante das conseqüências”⁵⁷¹. Jesus morre na cruz como vítima dos poderosos e não como vítima de Deus.

Deus, segundo nosso teólogo, além de não causar a morte de Jesus, se faz presente com Jesus na cruz⁵⁷². Ele sofre com seu Filho: “Seu coração sangra juntamente com ele na cruz. Mas não pode livrá-lo: precisa deixar que se realize e ‘se consuma’. Somente pode acompanhá-lo lá do fundo, sofrendo porque o Filho, esmagado pela dor e o fracasso, consegue apenas sentir sua companhia e seu íntimo alento”⁵⁷³. Isso significa que Deus não abandona Jesus na cruz, mas o acompanha sem nenhuma ação intervencionista. Deus não pode evitar que Jesus morra. Ele respeita a legalidade intrínseca da criação e a rejeição humana à mensagem e à pessoa de Jesus. A cruz de Jesus é a expressão maior do respeito de Deus à liberdade humana. Mas isso não quer dizer que Deus concorde com a morte de Jesus.

Além disso, devemos destacar que a morte do Jesus histórico é a expressão maior de seu amor a Deus. Por causa de sua fidelidade ao Deus-*Abbá*, Jesus vai até o fim. Ele é capaz de entregar sua vida por causa daquilo que acredita. Confiando no Pai, Jesus assume todos os riscos de uma vida totalmente voltada-para-os-outros, inclusive, a morte de cruz.

Ao contrário do que postula Saramago, a morte de Jesus é sinal de vida, pois Deus ressuscita o Crucificado. Na ressurreição de Jesus “cumpre-se o projeto criador de plenitude e felicidade para o homem”⁵⁷⁴. Jesus crucificado-ressuscitado é a expressão maior de que Deus não está em oposição à vida humana. A ressurreição de Jesus revela que Deus não é sanguinário; revela que Deus ama tanto o ser humano

⁵⁷⁰ Cf. Id. *Ibid.*, pp. 181-182.

⁵⁷¹ Id. *Ibid.*, p. 181.

⁵⁷² Cf. Id. *Ibid.*, pp. 183-186.

⁵⁷³ Id. *Ibid.*, p.184.

⁵⁷⁴ Id. **Creio em Deus Pai**, p. 146.

que o convida a participar da comunhão plena consigo mediante a nossa infinitização. A glória de Deus é a vida – entendida no sentido pleno – do ser humano.

A relação estabelecida entre o Jesus histórico e Deus não é de rivalidade. Deus não nega a vida de Jesus, planejando e determinando a sua morte na cruz, e nem Jesus busca fugir de Deus. Pelo contrário, Jesus se sente tão afirmado por Deus, que ele é coerente com o messianismo de serviço até as últimas conseqüências. E Deus é tão próximo de Jesus, que toda a vida de confiança e de fidelidade de Jesus ao Pai é afirmada com a ressurreição depois da crucificação. Essa relação entre Jesus e Deus revela que Deus não é adversário, rival ou inimigo do ser humano. Pelo contrário, a experiência que o Jesus histórico faz de Deus nos mostra que Deus é o “grande companheiro” que ajuda o ser humano a lutar contra tudo o que impede sua realização humana.

Partindo da relação autêntica entre Deus e o Jesus da fé cristã, o cristianismo, tão acusado por José Saramago, não pode ser interpretado como religião do sofrimento, da dor, da renúncia e da morte. O fundamento do cristianismo é a confiança e a ternura incondicional de Jesus por Deus e vice-versa, por isso o cristianismo é, essencialmente, afirmação da vida. Mesmo que a história em alguns momentos obscuros tenha demonstrado o contrário, o cristianismo não é uma religião que legitima o sofrimento e o sangue. O cristianismo é uma “boa nova” para a humanidade. Isso porque aponta para a verdade de que Deus afirma a liberdade e a vida humanas. Entretanto, para que isso aconteça, o cristianismo deve assumir uma tarefa constante de fidelidade a sua experiência original. Ele tem que demonstrar através da reflexão teológica e com a práxis dos cristãos que Deus é a máxima negação de toda negação do ser humano. Pois caso contrário, Deus e o cristianismo continuarão a ser rejeitados como obstáculos ao desenvolvimento pleno da humanidade.

Conclusão

Neste terceiro capítulo, procuramos à luz da teologia de Torres Queiruga, realizar um estudo teológico-crítico sobre a relação entre Deus e o ser humano Jesus

subjacente em o ESJC de José Saramago. Esse estudo, porém, não procurou apresentar um teor de contestação ou de apologética intransigente. Procuramos observar a origem da idéia de rivalidade, postulada pelo escritor português, entre Deus e o ser humano, e também as possíveis interpelações dessa visão à fé cristã.

De um modo mais específico podemos apresentar algumas conclusões de tudo isso que expusemos neste capítulo:

- O ateísmo de José Saramago tem como uma de suas causas a visão deturpada de Deus e do cristianismo que ele absorveu ao longo de sua experiência de vida num país muito marcado pela religiosidade católica tradicional.
- Mesmo sendo ateu, Saramago trabalha o tema “Deus” em algumas de suas obras. A principal, nesse sentido, é o ESJC. Nesta obra, nosso escritor apresenta a sua teologia, a “teologia do ateu”.
- José Saramago em o ESJC apresenta a idéia de rivalidade entre Deus e o ser humano. Sua idéia principal é a de que Deus é obstáculo para a realização do ser humano. Isso porque Deus nega ao ser humano a liberdade e a vida.
- Nosso autor português elabora sua imagem de Deus, um “fantasma”, a partir de quatro concepções deturpadoras da imagem do Deus do Jesus da fé cristã: determinismo, intervencionismo e onipotência divinos e paternidade opressora.
- O determinismo divino afirma Deus como o sujeito e o protagonista único de toda criação e da toda história deixando o ser humano sem liberdade para criar e trilhar sua própria história.
- O intervencionismo divino concebe Deus como um ser distante e desrespeitador da autonomia da criação.
- A onipotência divina nos faz questionar a existência do mal no mundo e, ao mesmo tempo, a bondade de Deus: se Deus é onipotente, porque o mal existe? Existe porque Deus não é bom ou porque Deus não existe. Essa é a resposta de José Saramago a problemática da existência do mal no mundo.
- Saramago compreende a paternidade divina como paternidade opressora: Deus é o Pai opressor-dominador.
- Torres Queiruga nos ajuda a compreender que o Deus revelado pelo Jesus histórico não desumaniza, porque: (1) está presente na criação como fundamento do seu existir;

(2) cria e potencializa a liberdade humana; (3) é solidário com o ser humano diante do mal e do sofrimento; (4) promove nossa salvação mediante nossa infinitização, isto é, a participação do finito na infinitude de Deus.

- Saramago apresenta, mediante o seu personagem Jesus, a idéia de que Deus está em oposição ao ser humano, porque seus interesses são diferentes e antagônicos, e porque Deus suprime a liberdade e a desvaloriza a vida humana: o personagem Jesus é servo de Deus e tem a morte planejada por Deus.

- O Jesus histórico revela que Deus não despersonaliza a pessoa humana, pois afirma sua liberdade, promove sua vida e está empenhado na realização autêntica do ser humano: quanto mais aberto a Deus, mais humano e mais livre a pessoa é. E além disso, Jesus revela que Deus não nega a vida, mas a eleva a sua máxima realização.

CONCLUSÃO GERAL

A visão que José Saramago apresenta em seu romance o ESJC de rivalidade entre Deus e o ser humano, simbolizado pelo personagem Jesus, é expressão do mal-entendido moderno que tende a ver o Deus revelado pelo Jesus da fé cristã como obstáculo à realização da vida humana.

Deus e o ser humano são apresentados pelo escritor português em o ESJC numa relação conflituosa, na qual Deus impõe a Jesus a sua vontade e Jesus procura escapar de Deus para construir sua vida à seu modo. Deus é apresentado como um poder dominador que governa a vida de Jesus conduzindo-o para a morte de cruz. E Jesus é apresentado como uma “pessoa” que percebe que Deus é um poder do qual não se pode escapar.

A rivalidade entre Deus e o ser humano Jesus postulada por José Saramago encontra fundamento no seu ateísmo e numa dialética do pior com o pior. Esse escritor português concebe Deus como uma idéia que adquire poder e que passa condicionar, limitar e governar a vida de algumas pessoas - os religiosos/crentes – suprimindo-lhes a liberdade para construírem, por si mesmos, as sua vidas. E, além disso, Saramago se fundamenta, para apresentar Deus como adversário do ser humano, em dados teológicos equivocados e também numa leitura pessimista da história do cristianismo.

A “teologia” que José Saramago apresenta não deve ser condenada como heresia. A primeira atitude é a de respeito pelo pensamento diferente. O segundo passo consiste em perceber as interpelações dessa visão para a fé cristã. E o terceiro passo consiste em mostrar que sua visão é equivocada.

As interpelações da compreensão da relação entre Deus e o ser humano Jesus postulada por Saramago são muitas. A teologia é interpelada a refletir e a apresentar Deus hoje se mantendo fiel à revelação feita pelo Jesus histórico e levando em conta o paradigma moderno. Todos os conceitos e discursos que não apresentem Deus como ternura infinita devem ser revistos. A Igreja também é interpelada a agir de uma maneira que promova a dignidade e a vida. Ela deve lutar contra tudo o que se opõe a integridade humana. Isso significa que deve superar toda espécie de imposição moral,

autoritarismo eclesiástico e omissão social. A espiritualidade, por sua vez, é interpelada a superar todo dualismo, sobretudo o que legitima uma negação da vida terrena.

A compreensão de rivalidade postulada por Saramago não existiria se a teologia se mantivesse fiel a captação que Jesus fez de Deus e se procurasse “inculturar” no contexto configurado pelo paradigma moderno essa experiência. Deus não seria também compreendido como inimigo do ser humano se o cristianismo, com sua configuração institucional, ao longo da história, não fosse intolerante e promovesse conflitos religiosos e mortes em nome de Deus.

A reflexão de Torres Queiruga nos auxilia perceber que a visão de José Saramago sobre a relação conflituosa entre Deus e o ser humano é equivocada. Fundamentando-se na experiência fundante da fé cristã, Torres Queiruga procura mostrar que Deus é puro amor e pura salvação. Isso quer dizer que Deus, longe de ser obstáculo à vida humana, é aquele que potencializa a humanidade, pois ama o ser humano e lhe oferece a salvação.

Torres Queiruga, além de ser fiel a revelação de Deus feita por Jesus, procura compreender a relação de Deus conosco a partir do horizonte do paradigma atual. Ele rompe com todo dualismo afirmando que Deus está presente na criação (transcendência na imanência), como fundamento e dinamismo do existir, e como presença ativa. O mesmo vale para o ser humano. Deus está presente no ser humano interpelando-o constantemente a se realizar enquanto pessoa plena e autêntica.

Além disso, Torres Queiruga contradiz a compreensão que afirma ser Deus o responsável pela existência do mal no mundo. Ele afirma que o mal é uma possibilidade da condição de finitude de toda criação. E Deus não nos fez infinitos ou perfeitos porque isso é impossível. Mas isso não quer dizer que Deus nos abandona ao poder do mal. Deus é solidário conosco e luta ao nosso lado contra o mal.

Se Deus é uma presença ativa em nós e se luta conosco contra o mal, assim como Torres Queiruga concebe, não tem sentido, partindo da experiência fundante da fé cristã (relação entre Jesus e Deus), afirmar que Deus seja nosso adversário ou nosso rival porque suprime nossa liberdade ou porque nos castiga com o mal e o sofrimento. Pelo contrário, o Deus revelado pelo Jesus histórico potencializa a

liberdade e maximamente a vida. Isso porque Deus é o nosso “grande companheiro” (Whitehead).